

# O Discurso Narrativo do Idoso na Arteterapia: Experiências Transpessoais

## Narrative Speech of the Elderly in Art Therapy: Transpersonal Experiences

**Priscila Peixinho Fiorindo\***

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil

### Resumo

**Introdução:** Arteterapia é o processo terapêutico, em que o profissional utiliza as diferentes expressões artísticas – o desenho, a pintura, a escultura, a música, o teatro, a contação de histórias, entre outras, a fim de auxiliar o cliente no desenvolvimento biopsicossocial. Nesta perspectiva, o objetivo, aqui, é observar os conteúdos verbalizados no discurso narrativo, a partir da leitura de imagens. **Metodologia:** O método constituiu-se em solicitar a produção de uma história, a partir do desenho feito por três mulheres, entre 75 a 82 anos de idade, residentes de uma instituição particular de idosos, durante uma sessão arteterapêutica. **Resultados:** Os resultados mostram que as imagens desenhadas contribuem para o desenrolar narrativo, indicando os caminhos que o indivíduo escolhe a fim de alcançar o autoconhecimento e a “autorrealização”. **Conclusões:** Por meio das narrativas, as idosas verbalizam emoções e sentimentos ressignificados, transcendendo a relação corpo, mente e espírito, na construção da consciência cotidiana.

**Palavras-chave:** arteterapia, desenho, narrativa, psicologia transpessoal

### Abstract

**Introduction:** Art therapy is a therapeutic process in which the professional uses different artistic expressions – drawing, painting, sculpture, music, theater, storytelling (among others), to assist the client in bio-psycho-social development. For this particular project, the goal is to observe the contents of oral narratives, via reading of images. **Methodology:** The method consisted of requesting the creation of a story based on drawings made by three women, between 75 to 82 years old, residents of a particular institution, during one Art therapy session. **Results:** The results show that the drawn images contribute to the development narrative, indicating some of the paths that the individual chooses to achieve self-knowledge and 'self-realization'. **Conclusions:** Through the narratives, the elders reinterpreted emotions and feelings, transcending the relationship between body, mind and spirit, related to construction of everyday consciousness.

**Keywords:** art therapy, drawing, narrative, transpersonal psychology

Recebido: 15 Setembro, 2015

Aceito: 28 Dezembro, 2015

## Introdução

Antes de iniciarmos a abordagem sobre Arteterapia com idosos, faz-se necessário, uma justificativa da escolha da referida população. Por que idosos? Considerando que o idoso passa por diversos tipos de perdas, tais como emprego, devido à aposentadoria, perda da massa muscular e, conseqüentemente, ausência de equilíbrio físico, perda da memória de curto e, às vezes, da memória de longo prazo, entre outras, torna-se necessária a realização de atividades que estimulem o prazer em viver. Além disso, eles, também, podem apresentar complicações em quase todas as partes do corpo, como, por exemplo, no sistema cardiovascular, respiratório, urinário e imunológico, dificultando as tarefas diárias. Por isso é imprescindível a presença familiar e a necessidade de terapias complementares para que a os referidos sujeitos possam ter uma melhor qualidade de vida.

Vale lembrar, também, que outros indivíduos acima de sessenta anos de idade, por diferentes razões, passam a morar em instituições ou residências de idosos. Neste contexto, o idoso, ao ser conduzido para um outro lar, diferente do meio conhecido e familiar, muitas vezes, perde a identidade e o contato com a realidade, tendo de se adaptar a uma nova vida, modificando suas relações interpessoais. Nestas circunstâncias alguns adquirem a depressão e problemas de saúde em geral. Então, como resolver ou pelo menos amenizar os desafios que os idosos enfrentam no dia a dia?

Uma possível resposta para questão é estimular o desenvolvimento da criatividade, por meio da arte, para que através dela os referidos indivíduos possam ressignificar suas emoções e sentimentos, aprendendo a lidar melhor com os obstáculos que surgem, para, posteriormente, alcançarem o autoconhecimento e a autorrealização.

De acordo com Maslow (1962), a autorrealização se caracteriza por experiências transcendentais ou “culminantes” como os estados místicos espontâneos. Logo, com base nas divergências das duas forças da Psicologia, dominantes do Sec.XX, o Behaviorismo (primeira força) e a Psicanálise (segunda força), o referido autor chegou à Psicologia Humanista, considerada a terceira força da Psicologia, a qual ressalta sobre as experiências além do corpo e da mente. O Behaviorismo foi criticado, pelo estudioso, por ser impossível entender ou modificar comportamentos complexos como culpa, alterações de humor, idealismo e outros, tipicamente humanos e que não

encontramos em animais; e a Psicanálise por enfatizar a doença como explicação para os transtornos da psique, conforme as análises freudianas, e, segundo Maslow,

[...] basear-se no estudo da doença ou no que existe de pior nos seres humanos forçosamente conduziria a uma visão distorcida da natureza humana. Embora absolutamente não negasse as conclusões de Freud, pois conforme Maslow: “Freud forneceu-nos a metade doente da psicologia e devemos agora preencher a metade saudável” (1962, p. 5).

Assim, ele conclui que as experiências culminantes indicam um estado de consciência superior, que ultrapassa o *Self*, definido, até então, como o núcleo organizador da psique. Tal ideia de um núcleo organizador na psique distancia a Psicologia Humanista da Psicanálise e a aproxima das ideias de Jung, que foram importantes no desenvolvimento da Psicologia Transpessoal, considerada a quarta força da Psicologia.

## Criatividade e desenho: experiências transpessoais

Em 1969, a partir do encontro de Maslow, Stanislav Grof e outros importantes estudiosos que realizaram pesquisas para entender a mente humana para além do corpo físico e do intelecto, surgiu a Psicologia Transpessoal, que busca integrar à Psicologia as vivências espirituais e as experiências chamadas “transpessoais”, caracterizadas por um estado de consciência superior, que contém todas as experiências anteriores do indivíduo e prossegue no sentido de conduzir o ser humano em direção à transcendência. Nesta perspectiva, Grof afirma que:

[...] um fato importante nessa época foi o meu encontro com Abraham Maslow e Anthony Sutich (...). Abe tinha feito extensas pesquisas sobre os estados místicos espontâneos (...) e chegou a conclusões muito parecidas com as minhas. Independentemente de nossas reuniões, surgiu a ideia de lançar uma nova disciplina que combinaria ciência e espiritualidade, incluindo a Sabedoria Perene, além de considerar vários níveis de consciência (1985, p. 34).

E partindo do pressuposto que a arte, especificamente aqui, o desenho e as histórias narradas, durante o processo terapêutico, podem contribuir para a transcendência dos idosos, na medida em que as cores, as formas e os traços utilizados nas imagens construídas revelam os sentimentos e emoções que são ressignificados e verbalizados nas narrativas, os sujeitos participantes podem alcançar o autoconhecimento e a autorrealização. Portanto, consideramos, aqui, o cuidado com o corpo físico – a matéria; a mente – o intelecto; e o espírito – algo que confere sentido à vida humana (Jung, 1982).

Nesta perspectiva, ressaltamos a relação entre arte em terapia e Psicologia Transpessoal, pois conforme Descamps (2003), o mundo é uma estrutura energética fluida como o nosso corpo, portanto há uma unidade subjacente entre o homem e o universo, consequentemente as terapias transpessoais permitem acessar a dimensão interior do indivíduo – a dimensão do sagrado, a experiência mística a fim de realizar a viagem ao interior mais profundo do ser, pois percebemos que tudo está interligado e o homem não está mais só e perdido, pois a alienação reside na oposição espírito e matéria. E a arte, no processo terapêutico, torna-se o passaporte para acessarmos os conteúdos conscientes e inconscientes dos indivíduos que estão abertos ao diálogo com o outro e com si mesmo.

Então, Maslow (1979) enfatiza que por meio da criatividade o homem pode realizar a si próprio, e que as experiências artísticas fazem parte de um processo de individuação e de crescimento pessoal, resultando na autorrealização.

Nesta perspectiva, uma das funções da Arte, especificamente aqui o desenho, é mostrar a realidade de forma estética, agradável e prazerosa e, consequentemente, ela pode auxiliar no aprimoramento cognitivo, linguístico e discursivo, na medida em que são oferecidos os lápis de cores e as folhas de papel, onde os indivíduos, em qualquer faixa etária, ressaltando a terceira idade – idosos, os quais necessitam de diferentes atividades cotidianas que lhes forneçam um sentido para a vida, podem expressar o que estão sentindo na construção da imagem e nas produções narrativas.

Diante do exposto, o objetivo, aqui, é apresentar a aplicação de uma das expressões artísticas – o desenho, como apoio para a contação de história, a fim de observar os conteúdos do universo interior dos idosos, durante a narração. E a partir de então, refletir sobre as seguintes questões: as imagens contribuem para o desenrolar narrativo? As cores utilizadas nos desenhos têm

relação com as histórias narradas? Os símbolos imagéticos revelam as emoções e/ou sentimentos dos idosos? É possível transcender, entrar num estado superior de consciência, a partir dos desenhos e histórias narradas?

### O que é Arteterapia?

Arteterapia corresponde ao processo terapêutico em que o profissional utiliza as diferentes formas artísticas – o desenho, a pintura, a escultura, a música, o teatro, a contação de histórias, entre outras, a fim de auxiliar os sujeitos no desenvolvimento biopsicossocial. Vale lembrar que o uso terapêutico das artes remonta às civilizações mais antigas.

Margareth Naumburg (1890-1983) artista plástica, educadora e psicóloga americana, ficou conhecida como a “mãe” da Arteterapia, por ter sido a primeira a diferenciá-la, claramente, como um campo específico, estabelecendo os fundamentos teóricos sólidos para seu desenvolvimento (Altman, 2015). No entanto, ela não foi a primeira a utilizar o termo. Para a referida psicóloga sempre ficou evidente a importância da atividade criativa e expressiva para o progresso pleno de cada ser humano.

A educadora e psicóloga interessou-se pelas pontes entre o trabalho desenvolvido na escola, onde utilizava o método Montessori e o campo da Psiquiatria e da Psicoterapia. Em 1969, foi oficialmente fundada a Associação Americana de Arteterapia (AATA).

No Brasil, a Arteterapia surge com Osório César, em 1923, e Nise da Silveira, em 1946, ambos psiquiatras. O primeiro trabalhou com arte no hospital do Juqueri, em São Paulo, sob a influência da Psicanálise, enquanto Nise da Silveira desenvolveu um trabalho no Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, no Rio de Janeiro sob a influência junguiana, procurando compreender as imagens produzidas pelos pacientes. Nise da Silveira exerceu papel principal na militância em defesa dos doentes mentais, ao longo de toda sua vida.

Porém, só em meados do século XX a Arteterapia se delineia com efetiva atuação, motivada pela crise da modernidade, em meio às mudanças que marcaram essa época. No percurso sócio-histórico, com as duas guerras mundiais, houve alterações na crença de que a razão e a ciência poderiam responder a tudo. Então, no período pós-guerra, desenvolve-se na Europa uma arte gestual, não somente como uma reação à onda crescente de materialismo, mas contra a arte formalista, hegemônica na época; contra a criação

plástica dominada pela estética cubista e suas derivações.

Diante do exposto, verificamos que a Arteterapia fornece o passaporte para o ato criativo, possibilitando a ampliação da mente no processo terapêutico. Ciornai (2004) afirma que a terapia com a arte facilita o entrar em contato com o poder criador de cada um; e, ao criar o belo, a pessoa entra em contato com o belo em si.

Carl Rogers (1961) na perspectiva Humanista, também ressalta sobre a capacidade criativa, quando afirma que “a causa principal da criatividade parece ser a mesma tendência que descobrimos a um nível profundo como a força criativa da psicoterapia – a tendência do homem para realizar a si próprio” (p. 11), ou seja, a criatividade está relacionada à saúde do indivíduo.

Na concepção de Carvalho (1995, p. 60-61),

uma vida plena e saudável é uma vida criativa e o viver artístico não é algo extraordinário, restrito a algumas pessoas socialmente reconhecidas como artistas, mas um aspecto intrínseco da humanidade [...]. Acrescenta ainda que a criatividade e a sensibilidade são inatas ao ser humano e que podem ser desenvolvidas nas vivências e encontros que a vida proporciona. Tanto na arte como nos processos terapêuticos se manifesta a capacidade humana de perceber, figurar e reconfigurar suas relações consigo, com os outros e com o mundo.

Dessa forma, o convite do fazer artístico possibilita a abertura do “eu” interior para o exterior, não só por meio da verbalização, mas, principalmente, pelos gestos, danças, pintura, escultura, música, teatro e contação de histórias, as quais abordamos, a seguir, a partir da leitura de imagens.

### **Imagem e narrativa**

A maioria dos indivíduos na infância começa a comunicar-se graficamente por meio do desenho, independentemente de raça, sexo ou nacionalidade. Pois a referida prática encanta e parece satisfazer os desejos inconscientes, na medida em que o indivíduo mergulha no universo fantástico das imagens. Se todas as pessoas continuassem o processo de desenvolvimento gráfico, passando por todas as etapas, com certeza

saberiam se expressar a partir de manifestações artísticas.

O desenho pode ser um importante meio de comunicação e representação da criança, do adolescente, do adulto e do idoso, apresentando-se como uma atividade fundamental, pois identificamos os múltiplos caminhos para registrar percepções, conhecimentos, emoções, vontade, imaginação, memória no desenvolvimento de uma forma de interação social, apropriada às condições físicas, psíquicas, históricas e culturais de cada um.

Além dos traços nas imagens realizadas pelo idoso, também observamos as cores utilizadas, se são frias ou quentes, entre outros elementos simbólicos e singulares que cada um traz de acordo com suas experiências. Nesta perspectiva, o desenho dialoga com elementos oriundos do domínio da observação sensível do real e da capacidade de imaginar e projetar vontades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são os personagens que flagram essa zona de incerteza: o território entre o visível e o invisível.

Logo, diante de um desenho, podemos construir histórias reais/ou fictícias ou ambas, ao mesmo tempo. Aumont (1993) afirma que a imagem é representativa, portanto ela costuma ser uma imagem narrativa. Nesta perspectiva, toda imagem pode ser narrável, sendo ela estática – uma fotografia, um desenho ou imagens em movimento – cinema. Conforme o autor, observamos que a imagem contribui para a organização das informações verbalizadas, por meio da narrativa oral.

Assim, corroboramos com François (2009, p. 44):

Por que narrar? Certamente, podemos narrar por muitas razões: por exemplo, para nos divertir, ou porque alguém nos pede. Mas a oposição livre escolha/obrigação é válida para quase toda atividade. Talvez, mais especificamente, porque no narrar, da criança ao idoso, somos surpreendidos no tempo, e nenhum discurso teórico dá conta dessa dimensão de repetição/novidade, esperado/surpresa, que é a vida para cada um de nós. Narrar é, seguramente, um jogo. Talvez, seja o jogo mais sério.

Diante do exposto, observamos que a narrativa é inerente à cultura e, através dela, podemos conhecer e desvendar os mistérios que envolvem o ser humano, portanto, ela torna-se

indispensável ao estudo do discurso do idoso. Desse modo, não podemos ignorar o poder da narrativa e sua importância em todas as sociedades, que pela diversidade de suas formas e funções, às vezes, sagradas não podem ser estudadas dissociadas da experiência humana. Seu estudo tem sido ampliado desde o início do século XX pelas diversas disciplinas tradicionais – Literatura, Linguística, Antropologia, Psicologia, Sociologia, e constitui, hoje, um campo em sua totalidade: a Narratologia (Fiorindo, 2005).

Vale lembrar que embora existam diversos estudos para tentar conceituar o que é uma narrativa, não há ainda uma definição categórica que consiga assumir tal papel, pois ela depende de uma série de elementos que a caracterizam, de acordo com o objetivo a ser atingido. É válido observarmos que são inúmeras as óticas sob as quais é possível definir o conceito de narrativa. Então, podemos dizer que a própria dificuldade de encontrar uma única definição já se configura como uma de suas principais características.

No entanto, constatamos algumas peculiaridades inerentes ao discurso narrativo, tais como a presença da temporalidade, da subjetividade, da ideologia, da imitação e da busca do si-mesmo, ou seja, do autoconhecimento e da autorrealização. Assim, toda narrativa, oral ou escrita, é subjetiva e ideológica, por exemplo, uma narrativa de final feliz e outra que termina em morte do herói abrem perspectivas diferentes sobre a existência humana. É por isso que investigar a mente humana a partir de histórias narradas com base na leitura de imagens e/ou desenhos feitos pelos próprios sujeitos, torna-se um instrumento rico de conteúdos emocionais e sentimentais que são resgatados das memórias.

### Metodologia

Aqui, apresentamos, o espaço, local onde foi realizada a sessão de Arteterapia, bem como a seleção dos sujeitos, os materiais utilizados e as etapas durante o processo terapêutico.

### Contextualizando o espaço

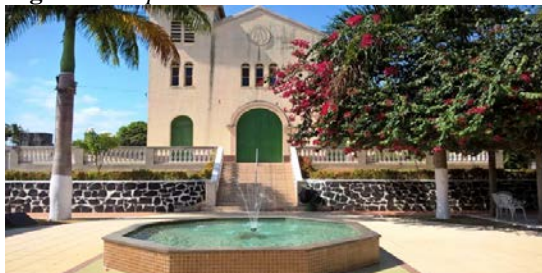
A residência dos idosos, Abrigo do Salvador, foi fundada em 1933, mas a sede atual foi inaugurada em 1944, pelo seu idealizador, Rafael Levy Miranda, na cidade de Salvador/BA. O espaço de convivência é amplo e agradável, onde há um refeitório geral e um refeitório da pousada, sala de leitura, sala de jogos, pista de

caminhada e/ou corrida, piscina para hidroterapia e centro médico. Há uma equipe multiprofissional, composta de fisioterapeuta, psicólogo, médico, acupunturista, assistente social, nutricionista, dentista, entre outros profissionais que contribuem para o bem-estar dos residentes. A sala onde foi realizada a atividade é bem arejada com ventiladores e janelas, há uma mesa grande e cadeiras. A título de ilustração seguem algumas imagens do Abrigo do Salvador, nas Figuras 1, 2 e 3:

**Figura 1.** *Entrada principal*



**Figura 2.** *Capela*



**Figura 3.** *Espaço utilizado para sessões de Arteterapia*



### Sujeitos

A escolha do público alvo se deve ao fato do acúmulo de experiências vividas pelos sujeitos e da possibilidade, através da arte em terapia, de transcender o sentido da existência de cada um. Os sujeitos participantes foram três mulheres, entre 75 e 82 anos de idade, residentes do referido abrigo, que frequentaram a sessão de Arteterapia com desenhos e narrativas. Vale ressaltar que o grupo é aberto, em que outros idosos poderiam participar, mas que no dia não puderam estar presentes. A fim

de mantermos o sigilo dos sujeitos envolvidos, consideramos as iniciais do alfabeto para representar as falas das idosas e P para representar a arteterapeuta.

## Materiais

Para atividade foram utilizados papel ofício, na cor branca, giz de cera colorido, lápis preto nº 2 HB, cola colorida e o CD da música celta instrumental, conforme as ilustrações:

**Figura 4.** *Papel ofício*



**Figura 5.** *Giz de cera*



**Figura 6.** *Lápis preto nº 2 HB*



**Figura 7.** *Cola colorida*



**Figura 8.** *Música intrumental*



## Procedimento

A metodologia consistiu em solicitar às participantes que fizessem um desenho livre. Elas tiveram 25 minutos para fazer a imagem. Durante a produção do desenho havia um som da música celta instrumental do grupo *Palanco Cia dos Ícones*. Após esta etapa a terapeuta solicitou que, individualmente, elas narrassem o que a imagem representava. O objetivo foi observar os conteúdos emocionais trazidos pela narrativa, por meio dos símbolos imagéticos e verificar as experiências transpessoais durante a sessão arteterapêutica.

## Resultados

Aqui, abordamos as imagens – os desenhos, seguidos de narrativas, com os respectivos comentários com base na Arteterapia e nas experiências transpessoais.

**Figura 9.** *N, mulher, 77 anos*



### Narrativa 1 (N, mulher, 77 anos)

*N: Eu quis expressar meu coração antes de vir para cá, que eu estava numa fase difícilíssima, de não superar a perda de meu marido. E quando tive a idéia de vir pra cá estava ansiosa, como está aqui no desenho, eu tinha angústia, ansiedade, ele (o coração) estava saudosos, e tinha dor, estava em depressão. Sou viúva há três anos. Mas quando cheguei aqui fiquei alegre. Quando comecei a conviver aqui a alegria voltou. Antes de eu vir pra cá eu participava junto com meu marido de um grupo da terceira idade, éramos muito felizes, mas quando ele morreu, fiquei sem chão, em depressão. E quando decidi vir pra cá, voltei a ser feliz. Tenho dois filhos casados, um menino e uma menina. Antes de vir pra cá morei seis meses com meu filho, minha nora e meu neto, que hoje tem quatorze anos. Depois minha filha que morava no interior, largou o emprego, para vir morar comigo, mas fiquei com ela só dois meses e aí decidi vir para o Abrigo. Eu tenho um*

*apartamento, que ganhei no dia dos namorados de meu marido, ele está fechado, não tenho vontade nenhuma de ir para lá. Acho que vou alugar. Passou o período da saudade e agora estou bem.*

### Comentário

A participante relatou seu percurso de chegada ao Abrigo, lugar onde ela mora hoje, ressaltando a situação de perda, luto, devido à morte do marido. A imagem do coração, na cor vermelha, revela que, mesmo diante dos acontecimentos inevitáveis, ela reconhece os sentimentos de dor, de angústia, de ansiedade e de saudade surgidos como uma ponte para a entrada em uma nova fase de sua vida, a constituição de sua própria felicidade, por meio dos novos vínculos de amizade, como N ressalta – “*Quando comecei a conviver aqui a alegria voltou*”.

Além disso, aprender a lidar com a ausência do outro, marido, serviu como uma forma de aprender a lidar consigo mesma, enfrentando os momentos de solidão, às vezes de apoio dos filhos, mas mesmo assim, como a idosa enfatiza, que morou seis meses com o filho e depois mais dois meses com a filha, não foram suficientes para ela se sentir como se estivesse em sua própria casa. Esta foi uma das razões que a motivou a procurar uma residência de idosos, onde ela pudesse fazer o que quisesse sem precisar incomodar os filhos.

Nesta perspectiva, observamos que o passo para decidir mudar, ou seja, sair da zona de conforto – conviver com os filhos na mesma casa – só podia ser de N, pois ela sentiu a necessidade de independência emocional e para isso precisou caminhar sozinha. Conforme Jung (2011), a sabedoria só tem validade na medida em que conseguimos aplicá-la em toda sua plenitude, pois convivemos com enigmas a todo momento, mas por alguma razão nos recusamos a ir ao encontro do desconhecido, nos prendemos aos padrões, esquecendo-nos de que somos nós os produtores do que nos rodeia, isto é, seres questionadores e interpretadores de símbolos.

Os dizeres, na imagem do coração, no sentido horário, indicam o processo cíclico da vida, onde sempre há um começo, um meio e um fim, este relatado como uma superação de que o período de sofrimento passou e, agora, ela está bem, ou seja, ela ressignificou as emoções – angústia, ansiedade e dor, transformando em sentimentos de saudade e alegria.

Diante da imagem e da narrativa, além da música celta – que tocava durante a sessão, verificamos o quanto o desenho do coração converge com o relato da idosa, deixando claro,

que por meio do sofrimento, luto, é possível atribuir um novo sentido à vida, ou seja, transcender os limites do corpo físico, no caso a ausência do marido, ressignificando a relação corpo, mente e espírito.

**Figura 10.** DI, mulher, 75 anos



### Narrativa 2 (DI, mulher 75 anos)

*D: Eu vivia uma vida cheia de nuvens com minha avó que era índia. Aqui eu vivo como eu vivia antes, feliz da vida. Eu quero este tempo que eu morava lá, na aldeia, tomava banho de rio, pulava, subia em pé de árvore para colher frutas, sem cair da árvore, porque as meninas não conseguiam subir como eu subia. Só alegria, alegria, alegria. Ontem, você não sabe, tava chovendo, né, eu cheguei toda molhada assoviando e muito feliz, aí o segurança começou a procurar quem era que estava assoviando, eu disse que não era eu (dava muito risada ao contar). Eu tive uma vida muito boa, alegre e tenho até hoje. E quem não tem o coração bom, fico bem do mesmo jeito, não tô nem aí. Até que uma hora aquela pessoa que não sorri, de tanto eu sorri, ela vai acabar sorrindo.*

### Comentário

DI representou a realidade de seu relato em duas fases; a primeira, na parte superior da folha – a vivência com a avó, índia, resgatando da memória de longo prazo a saudade do carinho da avó. Embora o desenho, na parte superior, pareça estar acima da concretização, pois foi algo que já aconteceu, há um chão, a sustentação de que a realidade vivida, ainda está presente, na memória da idosa.

A seguir, a participante fez a representação do contexto atual, onde ela mora – o Abrigo, trazendo, também, as flores, ou seja, o contato com a natureza, que a cultura indígena preserva e cultua como algo sagrado que deve ser respeitado. Paralelamente, DI fez a imagem de uma casa, agora um pouco menor, mas onde há conforto e partilha com as colegas que fez amizade no novo lar.

E, lembrando as brincadeiras de criança, ressalta em seu relato uma atitude infantil e prazerosa: assoviar. Depois que ela contou sobre o banho de chuva, o contato direto com o fenômeno da natureza realizou sua vontade e mostrou que sabia assoviar e bem alto. Nesta perspectiva, verificamos como a imagem que DI fez traz elementos significativos que completam o sentido de seu discurso.

As cores dos personagens em amarelo revelam a felicidade do viver que é relatada no discurso da idosa. O vermelho, o azul, o rosa e o verde contribuem para o colorir da vida, equilibrando as emoções verbalizadas durante a narrativa. Os símbolos trazidos na imagem e mencionados durante a narração confirmam o quanto o desenho pode indicar os diferentes caminhos a serem trilhados pelo sujeito. Verificamos que a idosa decidiu ser feliz, lembrando a infância com saudade e seu vínculo afetivo com a avó, memórias que puderam ser revividas pelo relato a partir das imagens.

Diante do exposto, constatamos o quanto as cores, as formas, os traços utilizados no desenho, bem como a música instrumental celta, possibilitam, por meio da história narrada, um estado de catarse, ou seja, uma experiência transpessoal, na medida em que há o resgate dos momentos felizes, nas memórias do passado, que convergem com o momento presente, mostrando a escolha que a idosa fez – ser feliz, portanto, identificamos aqui a autorrealização (Maslow, 1962).

**Figura 11.** L, mulher, 82 anos



### **Narrativa 3** (L, mulher, 82 anos)

L: *Essa é a igreja de São Francisco, é muito bonita.*

P: E o que ela representa para você?

L: *A fé, a crença... não quero falar mais nada, porque perdi uma filha e um neto.*

### **Comentário**

L resgatou, na imagem produzida, a fé e a crença que pareciam estar perdidas, diante do

breve relato da perda de uma filha e de um neto. Vale ressaltar que a participante chegou, para fazer a atividade, reclamando de pressão alta, que estava tomando o remédio, mas que não sabia a razão do referido medicamento não estar funcionando.

Após fazer o desenho, L ficou admirando-o antes de iniciar a narrativa. Logo, em seguida, fez o comentário sobre a imagem que era muito bonita por ser a igreja de São Francisco. Aqui a idosa trouxe para o mundo imaginário a realidade vivenciada por ela, de ser católica e semanalmente frequentar a capela do Abrigo. Vale ressaltar que L é uma mulher muito educada, um pouco tímida, fala pouco e observa muito. Por meio do desenho foi possível estimular a fala e o posicionamento dela, que foi interrompido quando se deparou com algo que incomodava – perda da filha e do neto. Embora ela tenha mencionado a crença e a fé em seu discurso, que está representada pela igreja, não foi possível dar prosseguimento ao discurso, pois a idosa encontrava-se emocionalmente fragilizada pelo ocorrido. Aqui, observamos que ela tem consciência do luto e reconhece a necessidade de não estar em grupo, justamente para não se abrir com os outros.

As cores utilizadas na imagem, o verde predominante pode indicar a esperança de dias melhores e o azul expresso na cruz mostra a busca da tranquilidade e da paz, concretizadas pela fé e religião. A cor marrom, no teto da igreja, revela o contato com a terra, ou seja, a necessidade de estar presente, no aqui e agora, mas que por enquanto isso está sendo difícil, pois a igreja encontra-se no ar, na parte superior da folha de papel. A cor vermelha, nas pétalas da flor pode indicar a força que ela deve encontrar para superar a situação.

Assim, por meio das cores, das formas e dos traços utilizados no desenho, bem como a sonoridade musical celta e o relato da idosa, observamos a transcendência da relação corpo, mente e espírito. A preocupação com corpo físico – pois ela tem que estar saudável para continuar vivendo, por isso o questionamento sobre a pressão estar alta, mesmo tomando o medicamento; a mente que revela a consciência dos fatos ocorridos – perda da filha e do neto, que gerou a dor, e, paralelamente, conforme Jung (2011), a presença do espírito – pela crença na fé e na religião, que indicam um sentido maior para o viver.

### **Conclusões**

Os resultados mostram que as imagens desenhadas contribuem para o desenrolar narrativo, indicando os múltiplos caminhos que o indivíduo escolhe a fim de alcançar o autoconhecimento e a



autorrealização. Os símbolos trazidos nas imagens, bem como as cores utilizadas convergem com os conteúdos emocionais e sentimentais trazidos do universo interior das idosas.

Observamos que as duas idosas, N (77 anos) e L (82 anos), revelaram o contexto atual de luto, em que a primeira parece estar bem, considerando as mudanças realizadas por ela mesma e pelo fato do falecimento do marido ter ocorrido há três anos, enquanto L ainda se encontra bastante fragilizada pela perda da filha e do neto, mas mesmo assim mantém a fé que ela encontra na religião católica. Já a idosa, DI (75 anos), revelou em sua produção imagética e narrativa a decisão de ser feliz, lembrando a infância e o vínculo afetivo com a avó.

Por meio das narrativas, as idosas verbalizam emoções e sentimentos ressignificados na construção da consciência cotidiana. A estratégia de trabalhar com narrativas orais a partir da leitura de imagens, feitas pelos próprios narradores, resgata os símbolos presentes nas produções de cada uma, que servem como pontes para a entrada no universo lúdico e criativo, e através dele as idosas trazem conteúdos conscientes e submersos para a narração.

As produções imagéticas revelam a criatividade de cada participante, ao mesmo tempo em que mostra o objetivo do indivíduo de realizar a si mesmo (Rogers, 1961). Paralelamente, os discursos narrativos por apresentarem sincronicidade com os desenhos feitos pelas idosas, possibilitam o autoconhecimento e a autorrealização, na medida em que revelam os desejos, as vontades, as dores, nas experiências transpessoais. E a partir de então constatamos o quanto a arte em terapia possibilita o reencontro do ser com ele mesmo, de forma prazerosa e edificante, a fim de conduzir o paciente/cliente ao processo de individuação (Jung, 2011), ou seja, o processo de amadurecimento intelectual, emocional, físico e espiritual, que ocorre durante o percurso da vida.

### Bibliografia

- Aumont, J. (1993). *A imagem*. Campinas: Papirus.
- Carvalho, R. E. (1995). *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. Campinas: Editorial Psy II.
- Ciornai, S. (2004). *Percursos em arteterapia* (Vol. 1). São Paulo: Summus Editorial.
- Descamps, M. A. (2003). *Histoire du transpersonnel*. Disponível em: [www.europsy.org/aft/histrans.html](http://www.europsy.org/aft/histrans.html). Acessado em 03/08/2015.
- Fiorindo, P. P. (2005). *Em torno da narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral* (Dissertação de Mestrado). FFLCH/USP, São Paulo.
- François, F. (2009). *Crianças e narrativas: maneiras de sentir, maneiras de dizer*. São Paulo: Humanitas.
- Grof, S. (1985). *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Jung, C. G. (1982). *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2011). *A natureza da psique*. (Vol. 8/2). Petrópolis: Vozes.
- Maslow, A. (1962). *Toward a psychology of being*. Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- Maslow, A. (1979). Defesa e Desenvolvimento. Em T. Millon (Ed.), *Teorias de psicopatologia e personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Altman, J. Margaret Naumburg. Disponível em: <http://jwa.org/encyclopedia/article/naumburg-margaret> Acessado em 23/01/2015.
- Rogers, C. (1961). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores.
- \*Priscila Peixinho Fiorindo** é arteterapeuta ASBART/UBAAT 0129/0514. Vice-coordenadora e docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares CNPq/UNEB. Doutora em Psicolinguística e Mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE-SP). Currículo lattes disponível em [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizar\\_v.do?id=K4744418Z4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizar_v.do?id=K4744418Z4)  
E-mail: [priscilafiorindo@hotmail.com](mailto:priscilafiorindo@hotmail.com)